

Quinta do Assentista

PORCALHOTA, o dito local da Venda Nova, agradável, bem situado na antiga estrada de Lisboa-Sintra, possuía noutros tempos numerosas quintas com belas casas. Submersas na maior parte pelos loteamentos e pelas novas construções, como foi o magnífico palácio dos Galvão Mexia, resta ainda, graças a Deus! a Quinta do Assentista.

Edificada em 1746, talvez, como o seu nome poderia deixar supor, por um assentista, fornecedor das tropas, ela oferece um belo exemplo de construção que tanto se encontra no Norte como no Sul de Portugal, cuja fachada frontal se estende em comprimento. Os dois elementos distintos que constituem a habitação e o muro do pátio, fechado por um portão, estão todos integrados num mesmo conjunto. Como acontece em vários casos, o portão, motivo de orgulho da casa, contrasta aqui com a fachada, algo sóbria, cadenciada apenas pelo alinhamento das janelas do rés-do-chão e das do andar nobre. Esta entrada majestosa, flanqueada por uma porta pequena, é ornada por uma cartela onde é legível a data de 1746. Por cima desta, ergue-se um belíssimo frontão barroco,

pintado de branco, cor-de-rosa e ocre, que faz lembrar pelos seus múltiplos detalhes uma fachada de capela muito bem trabalhada. Ao centro, um nicho com a estátua de Nossa Senhora da Saúde é enfeitado com uma grinalda de anjinhos, que possuem a graça das esculturas em talha dessa época. No alto, ergue-se uma cruz sobre um monte Gólgota em miniatura onde até se pode ver a porta do Santo Sepulcro.

Este portão é a tónica de toda a Quinta do Assentista, toda ela muito bem conservada, a começar pela entrada, onde o pátio, sobre o qual dá a residência e o jardim, está revestido por um belo empedrado com desenhos a preto e branco. É muito típico da disposição das casas da época o facto de o rés-do-chão ser reservado de preferência para os serviços, compondo-se de uma dezena de salas baixas que se repartem, sem corredor, segundo uma planta rectangular. Estas salas frescas são igualmente muito alegres, graças aos seus lambris de azulejos pombalinos colocados pelo menos uma dezena de anos depois da construção do portão da entrada. Encontramos, nestas decorações muito bem executadas, o ritmo dinâmico das redes diagonais, os florões e as grinaldas de flores, enquadrados de bordaduras de grande efeito plástico. Felizes são também as diversas composições de cores, em que as mesmas formas são interpretadas pelas cores diferentes dos quatro óxidos metálicos de altas temperaturas: azul-cobalto, verde-cobre, amarelo-antimónio e roxo-manganés (1). A escada interior, como na maior parte destas casas de campo, embora bem concebida, é a direito e bastante estreita, construída sem grande requinte, pois era destinada ao serviço. Neste país de temperaturas amenas, toda a atenção era posta na escada exterior que liga de forma tão agradável os jardins ao andar nobre.

Depois do portão joanino e dos azulejos pombalinos, o primeiro andar oferece, sempre com o mesmo refina-

(1) O óxido de ferro também é utilizado na faiança de altas temperaturas.



Escada exterior que permite fácil acesso do salão nobre ao jardim.



Portão barroco que lembra a fachada duma capela.

mento alegre, um novo tipo de decoração, desta vez do século XIX. Trata-se de frescos, como se vêem frequentemente nessa época, que já não procuram nem engrandecer o espaço, nem sequer contar uma história. Aqui, a maior parte dos painéis principais estão vazios, apenas pintados de cor clara, encontrando-se toda a decoração nos enquadramentos: lambris, ombreiras, cornijas e rosáceas dos lustres. Maravilhosamente executados, com cores suaves, são apenas traços, fios, galões, molduras, frisas onde é enunciada toda uma gramática decorativa derivada do estilo neoclássico. Os mais originais são sem dúvida as grandes molduras por cima dos lambris onde as fitas e os nós de veludo e de cetim enlaçam flores delicadamente pintadas, como rosas ou convolvuláceas.

Este tipo de decoração, inspirado já não numa mitologia um pouco distante, mas numa passamanaria bem feita para seduzir aquele século confortável e burguês, triunfa num pequeno salão inteiramente forrado de cortinados drapados, pintados em «trompe-l'oeil». Verdadeiro trabalho de tapeceiros, não há um detalhe que falte para que a ilusão seja perfeita: as sedas bordadas com um canteiro de florzinhas têm franjas e galões com cordões e borlas. Elegantemente decorado com móveis e objectos de arte na maioria do século XVIII, parece até que o tempo não deixou as suas marcas nesta casa.

Até mesmo a quinta, rodeada de construções modernas, conserva ainda o aspecto dos seus jardins tradicionais, onde, tendo em conta o terreno, tudo está concebi-



Pequeno salão com reposteiros guarnecidos, pintados em «trompe-l'oeil», em que não falta nenhum pormenor para que a ilusão seja perfeita.



As linhas horizontais e verticais, os jogos de sombras e de luz, a perspectiva, transformam esta simples álea de jardim num monumento.

do em função da água, do sol e dos ventos. O mais espantoso são as áleas cobertas, em que a maior, que tem perto de 350 metros de comprimento, cria um espaço quase mágico, com a sua perspectiva onde as verticais dos pilares de granito e os troncos se aliam às horizontais do chão pavimentado e da trepadeira de verdura. Além desta construção, que protege do calor, as sebes de buxos e muros de pedra que datam do século XVIII, ainda hoje abrigam do vento as laranjeiras e os limoeiros.

A ausência de arquivos não nos permite conhecer a história da Quinta do Assentista, a não ser o facto de no fim do século XIX esta ter sido leiloadada por Manuel Junqueira Patrone, pela quantia de 9 contos, adjudicada a António Wenceslau da Silva. Foi alugada em 1920 ao célebre médico e homem político, o professor João de Azevedo Neves. Esta propriedade está ainda hoje nas mãos dos descendentes de António Wenceslau da Silva; pertence a D. Efigénia Cardoso de Sotto-Mayor.